

# **O ADOLESCENTE E A DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA: UM ESTUDO ORIENTADO A PARTIR DA PERSPECTIVA SISTÊMICA**

THE TEENAGER AND DEPENDENCY TECHNOLOGICAL: A STUDY ORIENTED  
FROM THE SYSTEMIC PERSPECTIVE

SILVA, BRUNA<sup>1</sup>  
CHABA, CARMEM  
COSTA, CLEIDE  
ALMEIDA, DANIELI  
MATOS, DANNYRELY  
SILVA, DEUZELINA

BUENO, ROSE ANGELA VIEIRA PASSOS <sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo discutir a dependência tecnológica vivenciada por adolescentes no contexto atual. Tal temática se mostra importante, uma vez que a adolescência enquanto um conceito social pode ser compreendido como uma fase de desenvolvimento de interesse para a psicologia. Em meio aos avanços da tecnologia é comum encontrarmos adolescentes que passam o dia inteiro conectado, sejam em celulares, tablets, smartphones, internet, jogos e computadores, a ponto de haver um distanciamento físico nas relações familiares. A internet é uma ferramenta que veio para facilitar, mas nem sempre se torna um bom recurso, principalmente quando seu uso gera fatores negativos. Diante de tal comportamento surgiu à relevância de instigar os impactos que a dependência tecnológica por adolescentes vem causando nas relações familiares. Para isso, a pesquisa qualitativa de perfil bibliográfico é utilizada como recurso metodológico. Os principais autores que constituem a base deste estudo são: Haley (1979), Wagner (2005), Osório (2003) e Vasconcellos (2013). Destaca-se a relevância de olhar para o sujeito em sua dimensão biopsicossocial e assim investigar possíveis elementos da dependência tecnológica por adolescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dependência tecnológica. Adolescente. Pensamento sistêmico. Psicologia.

## **ABSTRACT**

This study aims to discuss the technological dependence experienced by teenagers in the current context. Such theme is important because adolescence, as a social concept, can be understood as an important development phase to psychology. With the recent advances in technology, it is common to find teenagers who spend all day connected to their cell phones, tablets, smartphones, internet, games or computers, to the point of physical distancing in family relationships. The internet is a tool that

---

<sup>1</sup>Acadêmicas do curso de Psicologia. Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG. Maio/ 2019.

<sup>2</sup>Docente do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG. Especialista em Dinâmica dos grupos, Terapia Sistêmica e gestão de pessoas.

has come to facilitate, but it does not always become a good resource, especially when its use generates negative factors. With such behavior, the relevance of investigating the impacts that the teenagers technological dependence has been causing to the family relationships has arisen. For this purpose, the qualitative research of bibliographic profile is used as a methodological resource. The main authors that form the basis of this study are: Haley (1979), Wagner (2005), Osório (2003) and Vasconcellos (2013). It highlights the relevance of looking at the subject in its biopsychosocial dimension and so to investigate possible elements of technological dependence by teenagers.

**KeyWords:** Technological dependence. Adolescent. Systemic thinking. Psychology.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma investigação acerca da dependência tecnológica que segundo a definição de King et. al. (2014), denomina-se nomofobia, é o medo de ficar sem celular ou sem forma de se comunicar com o mundo. Tal temática se mostra importante, uma vez que a adolescência enquanto um conceito social pode ser compreendido também como uma fase de desenvolvimento de interesse para a psicologia.

Planejou-se, então, um estudo para explorar os impactos nas relações familiares no contexto de dependência tecnológica por adolescentes. Destaca-se a relevância de olhar para o sujeito em sua dimensão biopsicossocial e assim investigar possíveis elementos da dependência tecnológica por adolescentes. Perseguir este objetivo é essencial, tendo em vista que, há um reduzido número de publicações no Brasil relacionado ao tema dependência tecnológica na adolescência com base na abordagem sistêmica.

Pesquisas realizadas pelo IBGE apontam que a população de dez anos ou mais de idade que fazem uso da internet e possui celular no Mato Grosso cresceu de 18,3% em 2005 para 33,8% em 2008, no período de três anos os números de pessoas que acessam a internet aumentam em quase o dobro. Nos adolescentes do Centro-Oeste com idade entre 15 e 17 anos, o acesso à internet aumentou de 37,1% para 70,1% no período entre 2005 a 2008, no período de 3 anos o acesso dessa faixa etária aumentou em quase o dobro (IBGE, 2008). Tais dados sobre a dependência tecnológica apresentam o quanto à internet está influenciando o

comportamento de crianças, adolescentes e adultos, pelo excesso de uso dos computadores e celulares.

Atualmente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirma que no último trimestre de 2016, houve um aumento significativo de 96,4% da população de Mato Grosso com acesso à internet pelo celular. Estes utilizam os aplicativos para troca de mensagens de texto, de voz, imagens e vídeos. De acordo com a pesquisa mais de 1,8 milhões de pessoas acima de 10 anos revelaram ter acesso à internet.

A era virtual da qual a população está cada vez mais imersa, repleta de atrativos como: Facebook, Instagram, Snapchat, Jogos e sites de relacionamentos, em que as pessoas compartilham sua vida em tempo real, fazem novas amizades, um mundo repleto de novidades, que cativam crianças, jovens e adultos com suas inovações tecnológicas. Deste modo, os aparelhos eletrônicos passam a ser indispensáveis na vida dos jovens conforme dados acima supracitados. Será que esse uso frequente e intensivo tem levado ao afastamento das relações familiares? A dependência tecnológica é uma situação isolada, que só se refere ao adolescente? Tais questionamentos motivaram a pesquisa nesta temática.

Segundo Abreu, et. al. (2008), a falta de limites no uso da internet, a compulsão tecnológica, tem sido nomeada como dependência tecnológica, e acarreta prejuízos pelo fato de muitos adolescentes ficarem conectados por mais de 12 horas ininterruptas, a ponto de não dormirem durante a noite, não se alimentarem nos horários apropriados, preferindo se relacionar com pessoas em rede virtual.

Por outro lado, é necessário observar a configuração de família chamada funcional, que pode levar a criança a se desenvolver de forma flexível, adaptando-se de forma consciente as mudanças sociais, com aprendizado ao crescimento de si.

A família enquanto sistema aberto transforma-se numa unidade funcional para os seus membros, ao permitir o seu desenvolvimento e bem-estar através do intercâmbio entre o sistema familiar e o exterior, possibilitando que cada membro tenha as suas formas de se movimentar, realizar tarefas e funções que conduzem ao seu crescimento (DIAS, 2011, p.152).

No caso de família disfuncional esta, acaba repetindo as ações disfuncionais dos membros do seu convívio, assim como possibilita desenvolver vícios e outros comportamentos inadequados (VASCONCELLOS, 2013).

Dessa forma, cada modelo familiar requer uma demanda de atenção especial com as crianças, para que assim, consigam passar pelo processo de adaptação

para acompanhar a velocidade das mudanças sociais. Tanto em seus relacionamentos e em meio à tecnologia, cada indivíduo tem suas diferenças e o papel da família se torna parte nesta relação, e na construção das emoções, sentimentos, crenças e limites de cada membro.

Atualmente são inúmeros meios de espaços sociais de relacionamentos que conquistaram jovens e adolescentes. A internet veio como fonte de informações e vem crescendo cada vez mais, desde que ela veio a público em 1991 e, em especial, desde que foram lançados os primeiros navegadores (browsers) em 1993 (GARBIN, et al., 2012).

Desde então, intensificou-se o uso da internet, entre os jovens que atualmente vivenciam uma realidade tecnológica extremamente diferente de seus pais, estudos revelam que os pais não acompanharam o uso dessa tecnologia, em que se tem acesso nas diversas informações em tempo real (EISENSTEIN e ESTEFENON, 2011).

O presente artigo será realizado um trabalho em concordância com a abordagem sistêmica, que tem sua origem partindo da Teoria dos Sistemas. Osório (2003) relata que o sistema humano é aberto e se nutre da matéria, como informação e energia. Dessa forma, os sistemas vivos têm transações decisivas com o seu meio. O todo é maior que a soma das partes. O todo, para ser compreendido, deve ser observado através da sua globalidade. Ou seja, a dependência tecnológica dentro do sistema familiar precisa ser observada de forma ampla, todas as partes estão relacionadas entre si, de tal modo que uma mudança numa delas provocará mudança em todas as demais partes do sistema.

Neste estudo será apresentada uma revisão descritiva e bibliográfica acerca da dependência tecnológica vivenciada por adolescentes com base na perspectiva sistêmica, para posteriormente relatar os resultados encontrados.

## **2. TEORIA GERAL DOS SISTEMAS**

No século XX a teoria do sistema foi elaborada e sistematizada por Von Bertalanffy, antes esta teoria aplicava-se à biologia, aos seres vivos e ao sistema sociais, sendo considerada como contribuição aos estudos dos organismos biológicos e outros campos de conhecimentos humanos.

Osório (2003) destaca que o estudo dos fenômenos biológicos cria-se a expressão da “biologia organísmica” e assim acentua-se ao enfoque sistêmico. Dessa maneira, a teoria geral dos sistemas ganha espaço no âmbito das ciências humanas, com ênfase no grupo familiar e não em seus componentes.

Para Osório (2003), A cibernética torna-se popular na ciência, na tecnologia e na publicidade em geral. Em 1970 uma revolução científica define uma mudança de paradigmas conceituais, a proposta da teoria sistêmica. O modelo linear (causa-efeito) pelo modelo circular (padrão interativo), para a sistêmica são constituídas “partes interações”, e a definição interdisciplinar. Sendo assim, a entropia<sup>2</sup> atinge o equilíbrio dos organismos vivos que são sistemas abertos em constante troca com o meio, este modelo não é entrópico, e sim evolutivo, desse modo o organismo vivo se desenvolve no estado de ordem e organização crescente.

De acordo com Osório (2003), considerando a cibernética e a teoria da informação, como citada anteriormente, e que sustentam a teoria sistêmica no campo de suas aplicações. A retroalimentação (*feedback*) concede como positiva, ou negativa, a qual busca a homeostase do sistema, de modo que o equilíbrio, a caixa-preta levaram os especialistas se concentrar nas relações específicas entre suas entradas e saídas. Os sistemas em constante transformação adaptam-se às diferentes exigências, através de um equilíbrio dinâmico entre ajustamento e mudanças, a partir de informações por um complexo mecanismo de retroalimentação ou (*feedback*). Utilizando da metáfora a mente humana pode observar a saída como (reações emocionais, sintomas, sonhos, atos falhos, associação livres, manifestações transferências, atuações) e suas entradas (atitudes dos familiares e circunstâncias, realidade socioeconômica cultural circunjacente e intervenções do terapeuta), sem que seja necessário envolver a estrutura interna da mente humana.

Osório (2003) relata que Equifinalidade em um sistema fechado, o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais, diferente do que acontece nos sistemas abertos onde o estado final pode ocorrer de formas e caminhos diversos a partir de diferentes condições iniciais. O autor explica que totalidade e não-somatividade, estão intrinsecamente relacionadas ao sistema, não compreende a soma das partes, estão totalmente conectadas. Dessa forma, o todo

---

<sup>2</sup>Entropia medida da quantidade de desordem dum sistema.

é maior que a soma das partes e para ser compreendido, deve ser observado através da sua globalidade. Assim, surge uma nova perspectiva do comportamento humano e seu desenvolvimento em meios às relações familiares, sociais e culturais, passando de uma visão intrapsíquico para o interrelacional (KREPPNER, 2003).

Já o Pensamento Sistêmico apresenta dois critérios, o primeiro, busca a mudança das partes para o todo e o segundo trata a capacidade de deslocar atenção em níveis sistêmicos, justamente em virtude das relações em que o sujeito está envolvido, seu foco está nas relações e não nos objetos (VASCONCELLOS, 2013). Então, Fazer parte de um mundo globalizado é estar integrado a uma rede de relacionamentos, que de certa forma se torna impulsionado pelo avanço da tecnologia e as interações que a mesma proporciona.

A interação de um sistema aberto pode ser caracterizada pelo movimento de pessoas que influenciam e são influenciadas.

Portanto, a Teoria Sistêmica está nas relações, e a proposta terapêutica é trabalhar com todos os membros da família juntamente. Uma vez que se entende a família como um sistema em interação, em que cada um dos seus membros tem responsabilidades e funções a desempenhar, criando assim um jogo de interdependência e inter-relação, seria então contraditório pensar que somente um membro está “doente” (FILOMENO, 2002, p.16).

E diante desses movimentos da família, busca-se compreender a dependência tecnológica entre adolescentes e jovens, que pertencem ao contexto familiar e a sociedade, em que influenciam e são influenciados.

Segundo Minuchin (1982), uma das propriedades básicas do sistema é o conjunto invisível de demandas funcionais que organizam a maneira onde os membros das famílias interagirem, retratam-se partes relativamente duradouras que organizam os subsistemas. Apresentando assim característica do padrão de interação como à noção linear de causa e efeito, visto que a circularidade representa sequencia circular em relação a quaisquer de seus elementos. Sendo assim, estes elementos, segunda a autora é bilateral. A interação, portanto, envolve uma espiral de (*feedbacks*) sucessivos. Isto quer dizer que a relação que se estabelece tem recursos que impede de dizer que A tem mais responsabilidade que B, ou vice-versa (MINUCHIN,1982).

No pensamento sistêmico, não há absolutos ou certezas; a realidade e a verdade são circulares. Minuchin (1982) retrata ainda que, as funções de um sistema dependem da sua estrutura: A abordagem sistêmica oferece proposta

terapêutica de trabalhar com um olhar amplo, por mais que seja individualizada poderá envolver questões biológicas, psíquicas e sociais. A terapia Sistêmica é realizada com indivíduos, casais e famílias, ao qual todos estão inseridos interagindo e se relacionando.

Para Vasconcellos (2013), a Cibernética representava uma epistemologia, desse modo, para a autora o sistema familiar também era concebido como análogo a um sistema cibernético. O pensamento sistêmico surge como uma nova ciência dentro do contexto da terapia de família. Apresenta o pensamento sistêmico como forma de uma transdisciplinaridade. Agrupar para lidar com que existe junto.

Dessa maneira, a teoria geral dos sistemas ganha espaço no âmbito das ciências humanas, com ênfase no grupo familiar. O pensamento sistêmico para Vasconcellos (2013) é visto como paradigma da ciência que possibilita a transição de diversos saberes, permitindo trabalhar com o contexto do qual as pessoas estão inseridas assim como famílias, instituições, onde se constituem os relacionamentos e o desenvolvimento das políticas sociais. Dessa forma, a autora descreve os aspectos adotados pelo pensamento sistêmico,

Não preciso mais julgar, avaliar, diagnosticar, encontrar o errado, o disfuncional, o doente. Nesse aspecto, adotar o pensamento sistêmico como novo paradigma da ciência. Por outro lado, essa adoção dirige o olhar para o contexto, para os recursos dos clientes. E exigir uma competência da autoria de suas próprias vidas (VASCONCELLOS, 2013, p. 9).

O sentido de adoção do pensamento sistêmico dentro do âmbito familiar possibilita aos membros novas mudanças e novas formas de agir. Com isso a abordagem sistêmica vem apresentar soluções dos problemas dentro do contexto familiar. Sendo assim, o profissional terapeuta deve levar em consideração as três dimensões do sujeito, ou seja, biopsicossocial para cada situação problema.

Segundo Haley (1979), o terapeuta precisa levar em conta o problema apresentado e assim poder formular claramente os sintomas descritos e planejar uma intervenção, considerando a situação do cliente, sua história e o meio ao qual está inserido.

A Teoria Sistêmica possui uma visão global, tendo um olhar para toda rede de inter-relações, dessa forma, o sujeito é parte deste meio, que está em constante mudança. Assim sendo, ao se referir à dependência tecnológica com adolescentes, toda a rede está envolvida neste processo. A realidade psicossocial de uma pessoa ou grupo social é complexa, suscetível de uma análise e de uma transformação

sistêmica, auto organizadora e adaptativa do sistema em resposta a uma situação ou estímulo.

Vasconcellos (2013) relata que, o sintoma não é o foco, o sintoma é apenas para identificar que algo não vai bem à família, assim o foco está nas relações, e não no sintoma ou na pessoa que traz o sintoma. Dentro dessa visão, não significa que o problema é do paciente, mas sim que o problema percorre por todos os integrantes da família.

Desse modo, na construção da identidade de tais adolescentes, estes se diferenciam um do outro, surgem os sentimentos como “quem sou eu” e “a que grupo pertencço”, assim a questão se torna mais complexa, pois não é possível somente analisar questões genéticas e isoladas (ALVES, 2008).

## **2.1 Adolescentes e a Dependência Tecnológica**

Cada indivíduo tem sua própria subjetividade. Dessa maneira, os adolescentes vão se identificando com o grupo do qual estão inseridos e criando necessidades de se referenciar com outras pessoas e outros grupos, até mesmo o adolescente vai criando autonomia e maturidade para enfrentar seus conflitos e angústias, conquistando sua independência diante de seus pais, dessa forma, buscam afeto, solidariedade e compreensão em sua rede de relacionamentos.

Diante de tais buscas, a internet se transformou no evento mais envolvente entre as pessoas, ninguém mais se imagina sem tal recurso, a população brasileira se tornou consumidora de aparelhos tecnológicos, que inicialmente visavam facilitar a rotina diária, como este índice de consumo vem aumentando, o que era para ser benéfico, tornou-se muitos casos maléficos, visto que, o uso abusivo e a falta de controle têm levado a prejuízos. Toda globalização trouxe impactos sociais, seja de forma positiva, seja negativa (ABREU, et al., 2008).

A tecnologia está presente em nosso cotidiano e até mesmo nas tarefas que realizamos, sobretudo é difícil prever um limite no uso da internet. Tendo em vista que os adolescentes realizam todas as atividades escolares e fazem amizades virtuais, dentro de casa, tudo é realizado através dos aparelhos eletrônicos, o que resulta de uma afetação direta em suas relações. Diante desse cenário Costa e Paiva (2015), ressaltam “[...] que a tecnologia substituiu silenciosamente os hábitos

tradicionais que envolvem a interação física com as pessoas e o meio ambiente”. Hábitos que até então eram eternizados na memória de uma criança.

Em relação ao uso da internet, o Brasil foi considerado o número um em conexões domésticas, tornando nítidas as reclamações que os pais vêm fazendo em relação aos seus filhos, de não mais interagir nas reuniões familiares, estando apenas fixados em seus aparelhos celulares, tornando necessária uma intervenção, como terapia de aconselhamento, terapia familiar, psicoterapia e entrevistas motivacionais (ABREU, et al., 2008).

A internet faz parte da rotina da maioria das pessoas em diversos campos, ela pode ser utilizada como uma considerável ferramenta para facilitar as comunicações e obter novas informações, apesar disso muitas pessoas manipulam esta ferramenta de forma compulsiva.

O uso excessivo de internet pode estar relacionado como uma maneira de compensar a baixa autoestima e as dificuldades nos relacionamentos, assim sendo, muitos jovens concentram suas interações de forma virtual, eles pertencem a uma comunidade que possui seus próprios valores e linguagens diferentes das relações físicas (ABREU E YOUNG, 2011).

No caso dos adolescentes, tal excesso pode ser ainda mais prejudicial, já que estes passam por fases de transformações e maturações, com inúmeras cobranças e novas responsabilidades. Eles podem usar bate-papo, mensagens instantâneas ou redes sociais para encontrar significado psicológico e conexão, formar vínculos íntimos e se sentir emocionalmente próximos dos outros (ABREU E YOUNG, 2011). Com as possibilidades do mundo virtual que é repleto de fantasias para esse público juvenil é possível obter uma fuga das situações conflituosas, todavia pode resultar na dependência tecnológica.

Como a família é um sistema aberto que sempre está em interação com o meio, toda mudança social irá apresentar um impacto no sistema familiar. Essas alterações não são encontradas apenas nas suas relações, mas na forma como os adolescentes se reconhecem dentro deste mundo virtual, baseando sua importância nas quantidades de curtidas e comentários. “Pela WEB, antes de qualquer coisa, é preciso existir; para isso, é preciso ver e ser visto” (SOUZA, 2015).

Sendo assim, estes adolescentes estão constantemente conectados e postando conteúdos para serem lembrados. O mundo virtual aparece para os

adolescentes como um verdadeiro paraíso que permite a eles serem modelos, artistas, viajantes e muito mais, se reinventando a todo instante.

Diante disso, um advento destinado a solucionar, em determinadas situações problematizou, modificando as relações, contribuindo para que as pessoas se tornem antissociais, tenham instabilidade emocional e em alguns casos agressividade (SOUZA, 2015). Tal fato pode se tornar um problema quando alguém de fora aponta, ou quando o sujeito é afetado diretamente por seu comportamento.

Importante destacar que, além desta problemática destacada por Souza (2015), é preciso considerar a questão biopsicossocial do adolescente dentro do contexto familiar. De acordo com Belloch e Olabarria (1993), o ser humano é biopsicossocial,

O corpo humano é um organismo biológico, psicológico e social, ou seja, recebe informações, organiza, armazena, gera, atribui significados e os transmite, os quais produzem, por sua vez, maneiras de se comportar BELLOCH E OLABARRIA (1993).

Neste sentido, o comportamento do sujeito perpassa por três fatores: biológico que trazem referencia genéticas, fatores psicológicos, que tem a ver com a personalidade e comportamento de fatores sociais, relacionado a cultura, histórico familiar e socioeconômico.

De acordo com Wagner (2005), a família passa por um processo de transmissão focalizada dentro de padrões que se repetem de geração em geração. Todo esse legado é definido a partir de crenças, valores, segredos, ritos e mitos que se mantém ao longo da história familiar, a forma como a família e seus integrantes vivenciam as etapas do ciclo de vida, as fortalezas e dificuldades ao lidar com as demandas evolutivas, são esclarecidas pelos componentes emocionais que foram herdados de sua cadeia hereditária.

Wagner (2005), explica ainda que, nas culturas variadas existe a força da família em sua perpetuação, por meio da transmissão do legado de geração em geração. Assim, toda a transmissão geracional além de fornecer a identidade familiar, caracteriza a forma de funcionamento da última geração, sendo que, a identidade do sujeito se dá também a partir desta construção, que definirá o lugar que ele passará a assumir na família. Nesta perspectiva, todo o processo de inovação de acordo com Wagner (2005), ocorre conforme a realidade de cada

sistema familiar, que lida com os avanços sociais mediante aos aspectos biopsicossociais.

Por outro lado, Vasconcellos (2013), retrata as configurações de família, sendo chamada de funcional, que pode levar a criança a se desenvolver de forma flexível, adaptando-se de forma consciente as mudanças sociais, com aprendizado ao crescimento de si mesmo e a disfuncional que, acaba repetindo as ações disfuncionais dos membros do seu convívio, assim como possibilita desenvolver vícios e outros comportamentos inadequados (VASCONCELLOS, 2013).

Dessa forma, cada modelo familiar requer uma demanda de atenção especial com os adolescentes inseridos em um mundo globalizado e virtual, tendo em vista que o papel da família se torna parte nesta relação, e na construção das emoções, sentimentos, crenças e limites de cada membro.

### **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa qualitativa corresponde a uma análise descritiva e bibliográfica, acerca da dependência tecnológica vivenciada por diversos adolescentes no contexto atual. A investigação tem como objetivo estudar os impactos nas relações familiares no contexto de dependência tecnológica por adolescentes. Destaca-se a relevância de olhar para o sujeito em sua dimensão biopsicossocial e assim explorar possíveis elementos da dependência tecnológica por adolescentes. Perseguir este objetivo é essencial, pois há um reduzido número de publicações no Brasil relacionado ao tema dependência tecnológica na adolescência com base na abordagem sistêmica. Conforme Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Tendo em vista os princípios da pesquisa qualitativa, buscou-se a partir das palavras chaves: família, dependência tecnológica, adolescente, tecnologia e pensamento sistêmico, investigar os impactos da dependência tecnológica nas relações, em especial na relação familiar ao qual é o objetivo da presente pesquisa.

Sendo que, foram apenas encontrados inicialmente dez artigos com temas isolados, partindo da Terapia Cognitivo-Comportamental, dentro do rol de pesquisa. Já dentro da abordagem sistêmica tratando de dependência tecnológica por adolescentes, não encontramos artigos específicos, apenas artigos da abordagem sistêmica.

E para realizar esta pesquisa qualitativa corresponde a uma análise descritiva e bibliográfica primeiramente foram consultados as base de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Google acadêmico ferramenta específica para pesquisadores e Pubmed que é outra ferramenta de acesso a base de dados de artigos e citações. Sendo assim, as palavras chaves utilizadas são dependência tecnológica, adolescente, pensamento sistêmico e psicologia.

Levando em consideração 60 artigos, fez se a seleção de alguns títulos que abordavam sobre o assunto dependência tecnológicas. Como critério de inclusão optou-se por 30 artigos dos quais abordavam os temas de vulnerabilidade dos adolescentes, os impactos sociais, instrumentos tecnológicos e mídias sociais.

Dessa forma, os artigos foram selecionados e incluso a partir da leitura do título e resumo conforme os critérios estabelecidos. Mas, o assunto sobre a dependência tecnológica em adolescente não tiveram enfoque, pois nenhum artigo descreve sobre tal assunto. Visto que não atinge o objetivo do presente trabalho. Os autores Junqueira e Amaral (2016), Castro e Silva (2017), Santos e Fecchio (2016) abordam sobre o impacto social e mídia social. Para tanto esses autores buscam conscientizar a sociedade sobre o uso excessivo da mídia. Na qual o acesso à tecnologia em ambientes virtuais, afetam na qualidade de vida dos adolescentes provocando alteração no comportamento social.

Farias e Crestani (2017), Trevisol (2016), Fantoni (2017), buscaram investigar de que maneira a utilização das redes sociais influenciavam nos comportamentos sociais dos adolescentes, bem como, os benefícios e as consequências vivenciados nas relações sociais, na autorrepresentação e na autoestima de cada um.

Outras palavras de destaques, foram: instrumentos tecnológicos, segundo Câmara e Soares (2016), Barreto (2014) e Silva (2014), centralizam que os adolescentes passam mais da metade de seu dia utilizando instrumentos

tecnológicos, conectados à internet e atribuindo a esses objetos um lugar de importância.

#### **4. RESULTADOS DE REVISÃO DE LITERATURA: ESTUDOS SOBRE DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA**

A realização do procedimento da coleta de dados possibilitou utilizar um conjunto de artigos que relatam sobre a vulnerabilidade dos adolescentes diante a mídia. Os autores Junqueira e Amaral (2016), Castro e Silva (2017), Furlan (2015), Ávila e Arruda (2015), abordam estudos e pesquisas em ambiente virtual. Para tanto esses autores buscam conscientizar a sociedade sobre o uso excessivo da mídia. Na qual os acessos à tecnologia em ambientes virtuais afetam a qualidade de vida dos adolescentes provocando alteração no comportamento social.

Assim como, para os autores Costa e Paiva (2015), o uso excessivo da tecnologia pode afetar a saúde física, emocional e social das crianças, podendo aumentar a agressividade e a ansiedade. Tal como, Santos e Fecchio (2016), apontam uma pesquisa sobre a dependência nas mídias sociais e o uso desregrado destas, comprometendo as relações interpessoais, tornando-as descartáveis. Nesse sentido, compreende-se que tal dependência pode afetar a privacidade do indivíduo, prejudicando a sua particularidade.

No entanto, Silva e Ramos (2011), consideram que no mundo virtual os adolescentes podem experimentar explorar e aprender. Eles compreendem a diferença entre o mundo virtual e a realidade, mas para inserir o universo da tecnologia no contexto escolar é preciso fazer uso da democracia, valorizando o conhecimento dos alunos sobre a tecnologia.

Por outro lado, Farias e Crestani (2017), Trevisol (2016), Fantoni (2017), buscaram investigar de que maneira a utilização das redes sociais influenciam nos comportamentos sociais dos adolescentes, bem como, quais os benefícios e as consequências vivenciados nas relações sociais, na autorrepresentação e na autoestima desses adolescentes.

Os autores supracitados apresentam o quanto a dependência tecnológica em adolescentes vem crescendo e possivelmente afeta as relações interpessoais. No entanto a tecnologia pode ser explorada por tais adolescentes, por meio de

benefícios principalmente no contexto escolar. Desse modo, alguns autores defendem que a tecnologia pode proporcionar tanto benefícios quanto malefício ao adolescente. Assim, foi possível observar a necessidade e importância da psicologia na análise e produção de conhecimento acerca do âmbito virtual.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa corresponde a uma análise descritiva e bibliográfica, diante dos artigos analisados perante as suas palavras chaves: família, dependência tecnológica, adolescente, tecnologia e pensamento sistêmico, trata-se do assunto dependência tecnológicas nas relações, em especial na relação familiar. As relações familiares no contexto de dependência tecnológica por adolescentes perante as pesquisas realizadas observa-se que, a adolescência é um período de mudanças, e esse avanço da tecnologia proporciona diversos atrativos.

Se tratando de dependência tecnológica, para a abordagem sistêmica o adolescente é parte de um sistema e muitas são as variáveis que podem estar gerando no comportamento. Ao perguntar se o uso frequente e intensivo da internet têm levado ao afastamento das relações familiares, se estamos diante de um sintoma do subsistema ou se o impacto advém do adolescente, da família ou da sociedade. Todas essas temáticas motivaram a pesquisa a partir de um olhar da abordagem sistêmica, justamente pelo fato de tal abordagem ter sua base teórica nas relações.

No entanto, é fundamental refletir se apenas a tecnologia está impulsionando a dependência tecnológica, uma vez que, o ser humano é influenciado constantemente por fatores biopsicossociais, os quais contemplam as diversas dimensões das relações humanas. Assim, o sintoma do adolescente pode não ser algo isolado, tendo em vista que ele é um subsistema do sistema maior que é a família.

Nos estudos realizados, observou-se que a questão da dependência tecnológica com adolescentes, é uma temática complexa, dessa forma, não é possível simplesmente apontar a culpa aos pais, a tecnologia ou relatar impactos familiares que são gerados apenas por esse fato isolado. Diante da amplitude de um sistema familiar, todo o processo de construção de relações advém de diversos

aspectos, ou seja, não deve ser visto de forma isolada, focando apenas em um fenômeno do sistema. Para isso, a partir da abordagem sistêmica, não foi possível investigar as possíveis causas da dependência tecnológica, tampouco que a ausência da família é o causador dos impactos da dependência e das relações, entretanto, tal adolescente faz parte de uma engrenagem, auto organizadora e adaptativa.

Dessa forma, a perspectiva da abordagem sistêmica vai trabalhar partindo do indivíduo para o todo, buscando restabelecer as relações fragilizadas, observando os impactos do meio social, tendo uma visão global, proporcionando o pleno desenvolvimento dos processos grupais, na construção deste indivíduo legitimando sua existência, partindo das relações.

Minuchin (1982) retrata com maestria o processo de circularidade, lembrando que envolve um espiral de (*feedbacks*) sucessivos, sendo uma característica padrão de interação de um sistema. Portanto, a responsabilidade não está somente sobre um integrante do sistema. No pensamento sistêmico, não há absolutos ou certezas; a realidade e a verdade são circulares.

Assim, diante da complexidade e escassez de materiais abordando tal temática, não foi possível investigar os elementos que influenciam a dependência tecnológica nos adolescentes e ao se deparar com a complexidade dos impactos nas relações, concluímos que se faz necessário que novas pesquisas sejam realizadas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol.30, n.2, p.156-167, 2008.

ABREU, C. N.; YOUNG, K. S. **Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. 2011. Artmed: São Paulo. Acesse em 10 de setembro de 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>

ALVES, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma: Curso de

ÁVILA, A. P. H. I.; ARRUDA, D. M. O. **Vulnerabilidade das consumidoras adolescentes: um estudo em ambiente virtual**. Anagramas Rumbos y Sentidos de la Comunicacion, v. 14, p. 101, 2015.

BARRETO, R. P. **Dispositivos móveis conectados à internet: usos, aprendizagens e dependências da Web**. Colabor@ (Curitiba), v. 8, p. 37-48, 2014.

BELLOCH, A.; OLABARRIA, B. El modelo bio-psico-social: un marco de referência necessário para el psicólogo clínico. **Revista Clínica e Salud**, v. 4, n. 2, p. 181-190, 1993.

CÂMARA, G. C. V.; SOARES, S. S. D. Tecnologia e Subjetividade: **Impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes**. ISSN 2448-0738, v. 2, p. 204-223, 2016.

CASTRO, M. P.; SILVA, V. A.. O Uso Abusivo das Novas Mídias e Tecnologias pela Sociedade Contemporânea. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, v. 1, p. 5, 2017.

COSTA, J. S.; PAIVA, N. M. N. A Influência da tecnologia na infância: **Desenvolvimento ou Ameaça**. Psicologia PT. O Portal dos Psicólogos. 2015.

DIAS, M. O. (2011). **Um Olhar Sobre A Família Na Perspectiva Sistêmica. O Processo De Comunicação No Sistema Familiar**. Gestão e desenvolvimento, nº 19, p.139-156.

EISENSTEIN, E; ESTEFENON, S. G. B. **Geração Digital: Riscos das Novas Tecnologias para Crianças e Adolescentes**. Rio de Janeiro. Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ. 2011.

FANTONI, A. **Autorrepresentação de adolescentes Porto-alegrenses no Instagram**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof. Dr. André Fagundes Pase.

FARIAS, C. A.; CRESTANI, P. **A Influência das Redes Sociais no Comportamento Social dos Adolescentes**. Revista Ciência e Sociedade, n. 2, jan./jul., 2017.

FILOMENO, K. Da Cibernética **À Teoria Familiar Sistêmica: Um Resgate Dos Pressupostos**. Movimento Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis. 2002. 13-16p.

FURLAN, G. N. **A influência da tecnologia e ambientes midiáticos na qualidade de vida em adolescentes de 15 e 16 anos em Piracicaba - SP.** 2015. Dissertação (Mestrado em Ecologia aplicada – Interunidades. ESALQ-CENA) - Universidade de São Paulo.

GARBIN, H. B. R; et. al. **Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais.** Physis, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2012.

HALEY, J. **Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema;** Jay Haley; tradução de Lúcio Roberto Marzagão. – Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2008.** Disponível na internet via WWW URL: [https://ww2.ibge.gov.br/graficos\\_dinamicos/pnad2008\\_tic/idade.php](https://ww2.ibge.gov.br/graficos_dinamicos/pnad2008_tic/idade.php)Arquivo consultado em 12 de outubro de 2017.

JUNQUEIRA, L. S.; AMARAL, O. B. A construção do cérebro dependente: **uma análise da mídia brasileira e da literatura científica sobre adição a tecnologias.** Revista da Biologia, v.15, p. 39-49, 2016.

KING, Anna Lucia Spear; Nardi, Antonio Egidio; Cardoso, Adriana. São Paulo, SP: Atheneu, 2014.

KREPPNER, K. 2003. Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In: J. VALSINER; K.J. CONNOLLY (ed.), **Handbook of developmental psychology.** Londres, Sage, p. 194-214.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social.**Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINUCHIN, S. 1982. Famílias: funcionamento & tratamento. Porto Alegre, Artes Médicas, 240 p.

OSÓRIO, L. C. **Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era.** Porto Alegre: Artmed, 2003. p.43-49. Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2008.

SANTOS, J. R. O; FECCHIO, T. T. Impactos Psicossociais decorrentes do Uso Excessivo das Mídias Sociais: Uma análise a partir da teoria de Bauman. **Revista UNINGÁ Review (Online)**, v. 1, p. 117, 2016.

SILVA, A. S.; RAMOS, D. K. Comunicação, diversão e aprendizagem: um estudo exploratório sobre o uso das tecnologias pelos adolescentes. POIÉSIS - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNISUL)**, v. 4, p. 405-421, 2011.

SILVA, G. A. O uso do celular na escola: **um relato de experiência sob o foco de seus problemas e suas potencialidades;** 2014; Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO) - Universidade Estadual da Paraíba; Orientador: Alessandro Frederico da Silveira.

SOUZA, C. A. M. **Juventudes e Tecnologia, Sociabilidades e aprendizagens.** Brasília, DF UNESCO, Líber Livro, 2015.

TREVISOL, P. A utilização das redes sociais online e o processo de constituição do adolescente: **um olhar para o sujeito na era da cultura digital**; 2016; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul; Orientador: Moises Romanini;

VASCONCELLOS, M. J. E. Pensamento sistêmico: **O novo paradigma da ciência.** – 10ª ed. ver. e atual. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

WAGNER, Adriana. (org). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares Porto Alegre:** Edipucrs, 2005.

## APÊNDICE

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>CATEGORIAS TEMÁTICAS</b>
Comunicação, diversão e aprendizagem: um estudo exploratório sobre o uso das tecnologias pelos adolescentes Resumo.	Alexandre Soares da Silva; Daniela Karine Ramos.	2011	Aprendizagem
A influência da Tecnologia: Desenvolvimento ou ameaça?	Jonathan da Silva Costa; Natália Moraes Nolêto de Paiva.	2015	Desenvolvimento humano
Impactos psicossociais decorrentes do uso excessivo das mídias sociais: Uma análise a partir da teoria de Bauman	José Roberto Oliveira Santos; Thamiris Teodoro Fecchio.	2016	Impactos sociais e mídias sociais
Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes.	Gislene Clemente Vilela Câmara; Samara Sousa Diniz Soares.	2016	Instrumento tecnológico
Dispositivos móveis: conectados à internet: Usos, aprendizagens e dependências da web.	Robério Pereira Barreto	2014	Instrumento tecnológico
O uso do celular na escola: um relato de experiência sob o foco de seus problemas e suas potencialidades.	Geane Araujo Da Silva	2014	Instrumento tecnológico
A construção do cérebro dependente: uma análise da mídia brasileira e da literatura científica sobre adição a tecnologias.	Iara S. Junqueira; Olavo B. Amaral.	2016	Mídia social
O uso abusivo das novas mídias e tecnologias pela sociedade contemporânea	Márcia Prado Castro; Vanessa Ângela da Silva.	2017	Mídia social
A influência da tecnologia e ambientes midiáticos na qualidade de vida em adolescentes de 15 e 16 anos em Piracicaba-SP.	Gustavo Nazato Furlan	2015	Qualidade de vida
A influência das redes sociais no comportamento social dos Adolescentes	Cássia de Araújo Farias; Patrícia Crestani.	2017	Redes sociais
A utilização das redes sociais online e o processo de constituição do adolescente: Um olhar para o sujeito na era da	Patrícia Trevisol	2016	Redes sociais

cultura digital Santa cruz do Sul 2016			
Autorrepresentação de adolescentes Porto-Alegrenses no Instagram.	Andressa Fantoni	2017	Redes sociais
Vulnerabilidade das consumidoras adolescentes: um estudo em ambiente virtual.	Ana Paula Holanda Lima Ávila; Danielle Miranda de Oliveira Arruda.	2015	Vulnerabilidade